

A luta dos assalariados rurais da zona do latifúndio

A conquista das oito horas

(António Gervásio)

Camaradas e Amigos:

Agradeço aos responsáveis desta iniciativa o convite que me fizeram para participar no Congresso Conquistas da Revolução, de homenagem à memória do General Vasco Gonçalves.

O tema que trago é denso. Não há tempo para desenvolvimentos. A conquista histórica das 8 horas nos campos do Alentejo e Ribatejo foi há 52 anos, em 1962. Hoje, passados mais de 50 anos, as forças da política de direita procuram roubar o horário das 8 horas. Não podemos permitir!

Camaradas e Amigos, não é possível falar da luta das 8 horas sem referir o PCP, assim como não é possível falar da Reforma Agrária sem referir também o General Vasco Gonçalves, figura insuperável da Revolução Portuguesa e suas conquistas históricas.

A batalha das 8 horas não foi uma ilusão, como a vida provou. Foi uma luta corajosa de cerca de 5 anos, organizada e dirigida, desde o início até à vitória, pelo Partido Comunista. Sem a intervenção activa do PCP, as 8 horas não teriam triunfado antes da Revolução de Abril.

As 8 horas, nas condições do fascismo, eram uma das aspirações mais sentidas do proletariado agrícola dos campos do Sul. Na década de 60 estávamos em pleno fascismo. Portugal mergulhado numa guerra colonial sangrenta. As condições de vida dos assalariados agrícolas do Sul eram muito gravosas – horário de sol a sol. No Verão horários de 10 e 12 horas por dia, salários de fome, longos períodos sem trabalho, repressão violenta à mais modesta reclamação, presos, espancados, vários assassinatos conhecidos.

A reivindicação do horário das 8 horas foi um desafio corajoso ao poder do fascismo e dos agrários. Sob a ditadura, a luta das 8 horas

A luta dos assalariados rurais da zona do latifúndio

A conquista das oito horas

(António Gervásio)

foi a maior e a mais importante luta dos assalariados agrícolas do Sul. Foi o movimento de massas mais abrangente, mais determinante, abarcando cerca de 200.000 trabalhadores num terço do território nacional. Foi uma luta que envolveu um grande trabalho de discussão e organização, funcionários do Partido, centenas de quadros intermédios, centenas de reuniões e plenários pelos campos do Sul, envolvendo 40, 50, 80, 130, 150, 200, ou mais pessoas (no Couço, um piquenique com cerca de 300 pessoas!) As mulheres tiveram um papel destacado na conquista das 8 horas.

Foram criadas dezenas de Comissões de Unidade nos concelhos, freguesias e distritos e uma Regional de todo o sul. Havia experiência da realização destes plenários com alguma segurança.

Camaradas e Amigos

Amadureceu uma ideia central no operariado agrícola: enterrar o horário de sol a sol, recusar trabalhar mais de sol a sol. Havia a ideia geral que essa tomada de posição poderia custar repressão violenta. Não aconteceu bem assim. O movimento era forte! Cresceu a vontade de dar o passo em frente. A discussão estava feita. Havia organização partidária e unitária, dificuldades ultrapassadas, vontade de avançar...

No país agudizava-se a crise e o isolamento do fascismo. Crescia a luta nas empresas, no campo, nos quartéis, nas escolas. Assalto ao quartel militar de Beja, assalto ao Pacote Santa Maria. Grandes fugas colectivas das cadeias fascistas com impacto na vida do país. Em Março, surge a Rádio Portugal Livre, centenas de milhares de portugueses passaram a ouvir a voz livre do PCP. Importante! A guerra colonial agravava-se dia a dia, etc..

Era necessário escolher a data mais indicada para avançar. Foi escolhido o 1º de Maio de 1962. O 1º de Maio simboliza unidade e luta. Maio e Junho coincidem com aperto dos trabalhos agrícolas, ceifas, debulhas, tirada da cortiça e outras.

A luta dos assalariados rurais da zona do latifúndio

A conquista das oito horas

(António Gervásio)

No começo de Março o jornal “O Camponês” lança um amplo Apelo aos assalariados agrícolas, amplamente difundido nos campos do Sul, nestes termos:

“No 1º de Maio de 1962 ninguém trabalhe mais de sol a sol! Lá onde os patrões ou encarregados se oponham sejam os trabalhadores a impor o horário das 8 horas!”

Assim sucedeu... O Apelo teve uma adesão ampla. Poucos dias depois do 1º de Maio de 1962 chega à Direcção do PCP um relatório informando que 30.000 trabalhadores tinham conquistado as 8 horas. Foi um grandioso levantamento simultâneo em centenas de localidades. Uma recusa total de trabalhar mais de sol a sol! Uma localidade avisava a outra, um rancho avisava o outro. Os ranchos de fora, uns aderiram, outros abalaram para as suas terras.

As 8 horas no Sul não foram conquistadas todas ao mesmo tempo. Muitos agrários despediram, recusando dar as 8 horas. E os trabalhadores também recusaram trabalhar mais de sol a sol. Juntavam-se grupos nas terras. Aparecia a GNR a perguntar “Porque não querem trabalhar?” A resposta era “queremos trabalhar, mas só as 8 horas. De sol a sol não!”

No fim de 1962 as 8 horas estavam praticamente implantadas nos campos do Sul, zona de latifúndio. As 8 horas representavam uma grande melhoria nas condições de vida dos assalariados agrícolas. Que alegria sair de casa e chegar a casa com sol! Ver os filhos com sol! Ir ao café conviver com amigos com sol!

Nas várias localidades do Sul as pessoas diziam: “deixámos de ser os bichos da noite”!

Que magnífica vitória dos trabalhadores agrícolas do Sul.

Viva a luta das 8 horas!